



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

Mãos ao alto!

Meados da década de 1970 e eu estava na estrada ao lado de um grande amigo, Sebastião Soares, ou "Tiãozinho Comunista", pedindo carona. Os dias não eram nada constitucionais para tanto. O direito de ir e vir, por exemplo, entre outros, estava praticamente cassado. Tempos sombrios. De exceção. Havia gente sendo presa. Gente desaparecendo "pra nunca mais". O sensato era ficar em casa. Naquele dia, no entanto, estávamos "caminhando e cantando" em direção a Brasília (logo Brasília!), tomada de coturnos e sob eterna vigilância.

De carona em carona, conseguimos chegar em Paracatu. Noite escura, chuva fina e um frio de fazer tremer. Passava das duas horas. Já nos preparávamos para o resto da madrugada sob marquises do posto de gasolina, quando surge um carro - e dele descem dois homens. Seguíam para Brasília. Que sorte. Pedimos carona.

- *Somos estudantes. Vamos para a capital* - adiantou Tiãozinho.

- *Para o vestibular da UnB* - entrei na conversa, que prosseguiu no carro agora já avançando pela rodovia escura e deserta.

- *Para o vestibular da UnB...*

- *Sim* - insisti.

O motorista de repente parou o carro no acostamento. No mesmo instante, o seu companheiro apontava um revólver para nós.

- *Desçam com suas mochilas!*

Descemos, trêmulos, tomados pela surpresa que rompera o que parecia uma viagem tranquila - e que agora nos lembrava cena de filme de vilões e mocinhos. Estávamos sendo assaltados? É isso?

- *Tirem pra fora tudo que têm aí* - ordenou o motorista, que também já nos apontava sua arma, jogando a luz da lanterna em nossos olhos.

Obedecemos sem hesitar, despejando nossos pertences no chão. Eles verificaram tudo e, depois da conferência minuciosa de nossas identidades, pediram que colocássemos tudo de volta nas mochilas, abaixando as armas.

- *Ok. Voltem ao carro.*

Mais aliviados, ainda trêmulos e mudos, olhos arregalados, retornamos imediatamente aos nossos assentos.

Mas, afinal, quem eram aqueles homens que ainda no posto de gasolina mostraram empatia a dois jovens vadiantes e que acabaram de nos apontar seus revólveres? Não pareciam assaltantes.

- *Somos da polícia. Da polícia federal* - disse um deles.

- *Achamos suspeita a história do vestibular. Por ora, não há nenhum vestibular na UnB. Só política* - completou o outro.

- *Não nos envolvemos com política* - disfarçou Tiãozinho.

Dedicado ao movimento estudantil que tanto incomodava o regime, Tiãozinho, mais tarde, se tornaria um destacado dirigente sindical na capital mineira, atividade que o levaria até Moscou, inclusive.

- *Melhor pra vocês* - acentuou o policial que, graças ao Divino, ignorava o apelido revelador do meu amigo.

Em Brasília, já de manhã, os agentes federais nos deixaram na velha rodoviária, de onde, depois do pastel e do caldo de cana, seguimos ao encontro de amigos que nos acomodariam por um tempo. No trajeto, desabafei.

- *Pensei que era nosso fim. O que foi aquilo, Tião?* - perguntei.

- *Mentira tem perna curta. Foi isso* - ensinou o amigo, que se eternizou em 2021.

(* Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



